

## **PROJETO DE LEI DO SENADO Nº      , de 2005**

*Institui a Semana Nacional de Prevenção da Violência na Primeira Infância.*

O CONGRESSO NACIONAL decreta:

Art. 1º - Fica instituída a Semana Nacional de Prevenção da Violência na Primeira Infância, a ser celebrada anualmente entre os dias 12 e 18 de outubro, com o objetivo de conscientizar a população brasileira sobre a importância do período entre 0 e 6 anos para a formação de um cidadão mais apto à convivência social e à cultura da paz .

Parágrafo único. Na Semana Nacional de Prevenção da Violência na Primeira Infância, serão desenvolvidas atividades pelos setores públicos, juntamente com as entidades da sociedade civil, visando o esclarecimento e a conscientização da comunidade sobre as verdadeiras causas da violência e suas possíveis soluções.

Art. 2º - Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação.

### **JUSTIFICAÇÃO**

O Projeto que ora submetemos à apreciação dos ilustres membros desta Casa Legislativa, vem de motivação e inspiração de iniciativa semelhante da ilustríssima Deputada Iraê Lucena da Assembléia Estadual da Paraíba, cujos argumentos considero irretorquíveis e irrefutáveis, os quais passo agora a retransmitir:

*“O projeto tem como principal objetivo mostrar a importância de implementar políticas sociais embasadas em ações nas áreas da saúde, educação e cidadania, voltadas para a prevenção da violência. Como também, conscientizar as autoridades investidas e a população sobre as verdadeiras causas da violência e explicitar que atrás de uma arma que mata há sempre um cérebro emocionalmente mau preparado.*

*O dia 12 de outubro foi o escolhido para se dar o início da semana Nacional de Prevenção da Violência na Primeira Infância, por ser este dia, no calendário de datas comemorativas, o Dia da Criança.*

*Como se sabe, a Primeira Infância é o período de vida que vai de zero a seis anos de idade. Quando se fala em desenvolvimento infantil tem-se que, obrigatoriamente, pensar no período de vida intra-útero.*

*No momento atual, graças às neurociências e à neurobiologia, toda a estrutura do ser encontra-se nesse período.*

*Segundo o pediatra e professor Laurista Corrêa Filho, da Universidade de Brasília (UnB): “As novas descobertas científicas mostram como se desenvolve o cérebro nas fases intra-útero e pós-natal. Até a 20ª semana de gestação já está todo formado, nascemos com cem bilhões de neurônios e, após o nascimento, a conexão entre eles (sinapses) é que vai proporcionar o aumento do cérebro, que chega a mil e cem gramas em uma criança de três anos”. De acordo com as experiências pós-natais é que se formarão os caminhos neuronais. Aí podem incluir as experiências físicas e afetivas. Positivas ou negativas, dependendo o meio em que vive o bebê. Laís Valadares, do Departamento Científico de Saúde Mental da Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) e presidente do Comitê da Sociedade Mineira de Pediatria, lembra que nos primeiros meses a mãe troca estímulos com a criança, olhares, toques, sons, conversas, que são sinais para o cérebro e “esta comunicação é fundamental para as sinapses mentais”, ressalta.*

*Laurista cita também o especialista P. Nathanielsz (Ediouro, 2002), diretor do laboratório de pesquisas sobre gravidez e recém nascidos da Universidade de Cornell, nos EUA. “A conexão emocional entre pais e filhos, freqüentemente chamada de vínculo, ensina o cérebro da criança a decifrar pistas afetivas. O vínculo entre pais e filhos treina o cérebro para fazer conexões nervosas que permitem sentir calor e conforto vindo de outros. O cérebro da criança está aprendendo como processar emoções, decifrando interações que ele terá com outros seres humanos para o resto da vida”.*

*O pediatra e psiquiatra Salvador Célio, que presidiu o Departamento Científico de Saúde Mental da Sociedade Brasileira de Pediatria de 1998 a 2001, reforça essa tese. “O bebê nasce para se comunicar. Busca a interação. Um estímulo bem praticado é essencial nos primeiros seis meses, pois a criança já tem capacidade de abstração e de imaginação. Se a interação se pauta pela sintonia, o bebê faz contato com a empatia. Aos oito meses, quando vê outra criança chorando, vai para perto da mãe. Aos 15, quando o estado de vínculo é seguro, vai para junto do bebê que chora ou para junto da mãe deste.*

*É o que chamamos de angústia solidária explica. O psiquiatra acrescenta que estudos feitos no Canadá e nos EUA mostram que a grande maioria dos delinquentes sofreu algum problema de vínculo na infância. “A interação saudável gera capacidade de reagir com inteligência às adversidades. Sem violência”, finaliza.*

*O investimento na educação e oportunidade para as crianças de 0-6 anos, representa seguramente a prevenção da violência.*

*Sabe-se, pois que, os fatores geradores de violência, a insegurança e o medo merecem um destaque importante. De posse desses conhecimentos, urge tomarmos providências cabíveis para atacar a raiz da violência.*

*Aos 6 anos de idade, o número de sinapses atinge alguns quatrilhões. Podemos chamar estas experiências de epigenéticas, ou seja, se sobrepõem a genética do ser. Quando essas experiências são positivas e proporcionam uma interação conveniente ao desenvolvimento do bebê, há a oportunidade de desenvolver no mesmo um apego seguro. Se, ao contrário, o ambiente for hostil para o bebê, seja do ponto de vista físico ou afetivo, certamente haverá um “curto-circuito”, em toda sua organização neuronal.*

*Do apego inseguro gerado, a possíveis maus tratos desde o início da vida a criança chega ao final da primeira infância como sobrevivente. O ser humano que não foi desejado e muito menos aceito será fatalmente o produto final de um futuro desajustado social.*

*Em nosso meio podemos identificar os grupos de risco. A gravidez na adolescência, por exemplo, é um problema de saúde pública. Em um país onde nascem de 3 a 3.500.000 de bebês por ano teremos em torno de 600 a 700.000 filhos de mães adolescentes (10-19 anos). Quais serão os riscos de termos um número enorme de “sobreviventes”?*

*Os estudos mostram ainda que o ser humano que não recebeu amor, que não foi amado e materno, nesta fase da vida, certamente não terá capacidade para amar. Aquele que não recebeu a nutrição sensorial (sobretudo pele e ouvido) e as palavras com afeto e carinho, dificilmente escapará da marginalidade ou do difícil acesso à normalidade e segurança.*

*Desta forma, a violência, principalmente a social, deve ser levada em conta como, não só um problema de cidadania, mas também de Saúde Pública tendo em vista o número de homicídios e os incontáveis atos de violência que levam a problemas psicopatológicos importantes como o do “stress pós-traumático” que pode ocorrer desde o início da vida com profundas conseqüências no desenvolvimento da personalidade.*

*Recentemente, em 1999, Richard Rhodes importante estudioso americano publicou estudos com criminosos, onde salientou que todos falavam sobre sua primeira infância, quando passavam dificuldades, algumas até caóticas, como violência física, sexual e negligência.*

*Dorothy Lewis, em 1998, estudando jovens criminosos nos Estados Unidos também chegou à conclusão similar; todos tinham tido uma primeira infância muito carente e problemática.*

*Cada vez mais se vê que esses distúrbios não provêm do berço ou nascimento e sim de sua criação e educação. Essa falta de segurança, confiança e auto-estima, vem da falta de terem conseguido vínculos mais fortes, que são originados das primeiras relações com os cuidadores iniciais.*

*Tremblay, no Canadá em 1999, na província de Quebec, nos relata que já aos 17 meses a agressão física é manifestada num grande número de crianças. Ele também mostra que de 30 meses até a idade dos 5 anos, há um acentuado declínio no comportamento agressivo, mostrando que o controle da agressão física é possível. Para que isto ocorra, é necessário incentivarmos pesquisas, programas de intervenções que ocorram desde o pré-natal, com ênfase na humanização de parto e na atenção especial às famílias carentes e seus bebês nos primeiros anos de vida. Ruther (Inglaterra), Werner (E.U.), Cyrulnik (França) nos mostram que muitos seres humanos conseguem se adaptar à vida apesar de todos os fatores estressantes. Essa capacidade não é inata, nem mágica e se convencionou chamar de resiliência. Isto é adquirido pelas ações políticas integradas e com significativa participação da Comunidade, por suas lideranças, como Clubes de Serviços, organizações culturais e políticas.*

*Especial ênfase deve ser dada à capacitação de profissionais das áreas de saúde, educação, cultura e cidadania, desde o início de sua formação universitária. Essas ações visarão à construção de vínculos que levarão à formação de apegos seguros que capacitarão para o estado de resiliência.*

*Esse verdadeiro trabalho preventivo terá êxito se desenvolvermos condições para ações de psicoprofilaxia individual, institucional e comunitária.*

*Os especialistas explicam por que o investimento na primeira infância precisa ser encarado como prioridade de qualquer nação: é nos primeiros anos de vida de uma criança que ela aprende, por exemplo, a controlar sua raiva.*

*É nessa fase também que se ensina a ter confiança e auto-estima suficiente para não desistir quando, no processo de aprendizado, a criança se depara com alguma dificuldade. O investimento adequado na infância pode resultar, segundo os mesmos, numa sociedade menos violenta.*

*Para provar essa teoria, eles citam a pesquisa dos US\$ 7 feita pela organização não-governamental Fighth Crime: Invest in Kids (Combata o Crime: Invista em Crianças) que provou que cada dólar gasto em um atendimento de qualidade na infância poupa US\$ 7 em gastos no sistema policial e prisional. São US\$ 7 para cada US\$ 1 gasto.*

*Com base em pesquisas com adultos que sofreram abuso quando crianças, a ONG estima que 3.100 dessas 77.860 crianças abusadas ou negligenciadas serão, no futuro, violentos criminosos que não teriam tomado esse caminho caso um bom atendimento em creches ou o sistema de saúde tivesse detectado o problema a tempo.*

*A importância de dar atenção e afeto às crianças, no entanto, não é exclusividade de famílias pobres. Brazelton, em um de seus artigos, listou 12 situações de estresse que pais de classe média sofrem hoje em dia.*

*Os dois especialistas alertam, entretanto, que a frustração dos pais com a falta de tempo para dedicar aos filhos tem alimentado uma indústria que lucra com essa ansiedade. O fundamental, ensinam os dois, é dar afeto e atenção à criança.*

*Por fim concluímos que, realmente, os primeiros anos de vida são cruciais para o desenvolvimento da criança, e que o Brasil está cometendo um erro muito grave quando vem investindo tão pouco na infância, já que, segundo uma pesquisa da Unesco divulgada em 2000, informa que o gasto por aluno em pré-escolas públicas (voltadas para a faixa etária de 4 a 6 anos) é de US\$ 820 por ano. Na Alemanha, por exemplo, esse mesmo gasto é de US\$ 5.277 (em dólares PPP, cálculo que leva em conta o poder de compra de cada população e permite a comparação). Segundo o mesmo estudo, o gasto por aluno no ensino superior público brasileiro é 12 vezes maior do que o gasto com pré-escola.*

*Sendo evidente a relevância da matéria com o investimento na educação e oportunidade para as crianças de 0 – 6 para a prevenção da violência, esperamos contar com o apoio desta Casa a este Projeto de Lei.”*

Sala das Sessões, em 27 de setembro de 2005.

**Senador PEDRO SIMON**